

Os Animais Simbólicos na versão galega da *General Estoria*

Los animales simbólicos en la versión gallega de la *General Estoria*

Animals as Symbols in the Galician Version of the *General Estoria*

Pedro Alexandre de Sacadura CHAMBEL


Doutor em História, Cultural e das Mentalidades Medievais, Investigador doutorado e Membro da Comissão Científica do Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Campus de Campolide – Universidade Nova de Lisboa, Colégio Almada Negreiros, Sala 320, 1099-032, Lisboa (Portugal).

C. e.: pedrochambel@live.com.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0976-7748>

Recibido: 02/03/2021. Aceptado: 18/05/2021.

Cómo citar: Chambel, Pedro Alexandre de Sacadura, «Os Animais Simbólicos na versão galega da *General Estoria*», *Edad Media. Revista de Historia*, 2021, nº 22, pp. 317-347.

 Este artículo está sujeto a una [licencia "Creative Commons Reconocimiento-No Comercial" \(CC-BY-NC\)](#)

DOI: <https://doi.org/10.24197/em.22.2021.317-347>

Resumen: En nuestro estudio analizamos el simbolismo animal presente en la versión gallega de la *General Estoria*. Los animales se estudian en tres situaciones. En la primera, en los relatos míticos del inicio del mundo que reflejan simbólicamente el arduo camino del hombre hacia la civilización, donde surgen los animales relacionados con personajes legendarios que fundaron una actividad humana. Luego, analizamos las narrativas en las que se les brinda a los animales una lectura simbólica, que luego es explicada por el autor, enmarcada con las propuestas simbólicas que se produjeron en la época. También estudiamos la presencia de animales en un milagro ya que remite a la esfera de lo indecible, que solo se puede expresar a través de un símbolo. A continuación, indicamos las diferentes situaciones en las que aparecen los animales en la *Historia general*, y analizamos el número de veces que se menciona a cada animal. En la conclusión, defendemos la originalidad de las lecturas simbólicas de la obra.

Palabras clave: Simbología; Animales; Literatura; Alfonso X; Mentalidad.

Abstract: This article studies the animal symbolism in the Galician version of the *General Estoria*. Three different situations are analyzed. First, the creation myths symbolically depicting humankind's arduous path towards civilization, where animals appear in relation to the legendary founders of a given human activity. Then, we analyze the narratives where the animals are given a symbolic meaning, which is then explained by the author, in keeping with that of other symbolic proposals of the same period. We also study the presence of animals in a miracle where the unspeakable is conveyed through symbol. The various situations in which animals appear in the *General Estoria* and

the number of mentions for each animal are analyzed. In the conclusion, we defend the originality of the work's symbolic readings.

Keywords: Symbology; Animals; Literature; Alfonso X; Mentality.

Resumo: No nosso estudo analisamos o simbolismo animal presente na versão galega da *General Estoria*. Os animais são estudados em três situações. Na primeira, nos relatos míticos do começo do mundo que traduzem, de forma simbólica, o árduo caminho dos homens rumo à civilização, surgindo os animais relacionados com personagens lendárias fundadoras de uma actividade humana. De seguida, analisamos as narrativas em que para os animais é fornecida uma leitura simbólica, que depois é explicada pelo autor, enquadrada com as propostas simbólicas que foram produzidas na época. Estudamos, por fim, a presença dos animais em um milagre, pois reenvia para a esfera do indizível, que só se pode exprimir por meio de um símbolo. Indicamos depois as diversas situações em que os animais surgem na *General Estoria*, e fazemos a análise do número de vezes em que cada animal é citado. Na conclusão defendemos a originalidade das leituras simbólicas na obra.

Palavras-chave: Simbologia; Animais; Literatura; Afonso X; Mentalidade.

Sumario: 0. Introducción; 1. El Génesis: el comienzo del mundo; 2. Los pueblos paganos: el difícil reinicio; 3. Los animales en las creencias espirituales humanas; 4. El simbolismo animal propuesto por Alfonso X; 5. Los animales en los milagros; 6. Las funciones de los animales en la *General Estoria*; 8. Conclusión.

Summary: 0. Introduction; 1. Genesis: The beginning of the world; 2. The pagan peoples: A difficult restart; 3. Animals in the human spiritual beliefs; 4. Alfonso X's animal symbolism; 5. Animals in miracles; 6. The role of animals in the *General Estoria*: An overview; 7. Animal presence in the *General Estoria*: A chart study; 8. Conclusions.

Sumario: 0. Introdução; 1. O Génesis – O começo do Mundo; 2. Os Povos pagãos – O difícil recomeço; 3. Os animais nas crenças espirituais humanas; 4. O simbolismo animal proposto por Afonso X; 5. Os animais nos milagres; 6. As funções dos animais na *General Estoria*: um resumo; 7. Análise do quadro com a presença dos animais na *General Estoria*; 8. Conclusão

0. INTRODUÇÃO

Na Idade média, os animais encontravam-se presentes em quase todos os aspectos do quotidiano dos homens da época. Sendo uma sociedade maioritariamente rural, eles acompanhavam-nos no dia a dia de trabalho das camadas mais desfavorecidas, mas também das dirigentes como meio de transporte, animais de companhia, ou em actividades de lazer, mesmo quando estas juntavam a componente lúdica com a busca de alimentos, como era o caso da caça praticada pelos grandes senhores com o auxílio de cães e aves caçadoras, enquanto os clérigos escreviam os textos morais sobre eles e os representavam textualmente nas hagiografias para promover os eleitos, os santuários que lhes eram dedicados e a acção divina, não deixando de surgir nos penitenciais notícias de que alguns possuíam animais de companhia e que caçavam com cães e mesmo aves. Os textos medievais atestam essa presença, embora muitas vezes, os animais surjam com

funções alegórico-simbólicas que apelam à sua decifração e estudo para a compreensão dos mesmos, tal como acontece na arte figurativa medieva. É também o caso da *General Estoria* de Afonso X. Tratou-se de um projecto vasto e ambicioso do rei sábio, pois pretendia narrar a história do mundo conhecido desde a origem do homem, a partir do Genesis, até ao tempo actual do monarca, encontrando-se nele referenciados os diversos saberes dos intelectuais da época. Apresenta, deste modo, um programa de conhecimento do mundo que aborda desde a filosofia e a astronomia, até às sete artes liberais. No entanto, a obra não ficou concluída, pois termina na época em que viveram os pais da Virgem, na Sexta Idade do Mundo, segundo a divisão de S. Agostinho que a obra segue. Afonso X utilizou para a elaboração da *General Estoria*, a Bíblia, os textos dos Santos Padres, a obra de Flávio Josefo, as dos historiadores e poetas latinos, como Ovídio e Plínio, as versões medievais dos poemas de Homero, a *Historia Scholastica* de Pedro Comestor, textos de autores árabes e peninsulares, como foi o caso de Paulo Orósio e Isidoro de Sevilha, entre outros¹, harmonizados pelo monarca e os seus colaboradores. Apresenta um saber enciclopédico, mencionando Mariana Leite que

a obra insere-se na tradição das histórias universais da Idade Média europeia, começando na criação do mundo e propondo-se chegar até à vida do monarca. Para tal, seguir-se-á a narrativa bíblica, a par da matéria pagã – de Tróia ou de Roma – incluindo-se assim traduções integrais de várias fontes, como é o caso da própria Vulgata, mas também de autores latinos, como Ovídio e Lucano, ou de romances inteiros, como os *Roman de Troie*, de *Thèbes* ou d’*Alexandre*².

No entanto, devido sobretudo à vasta dimensão da obra, assistiu-se desde cedo à autonomização dos livros que a compõe, sendo que, dos quarenta e dois manuscritos que chegaram até nós, nenhum apresenta a totalidade da obra, e apenas dois são oriundos da corte régia, “o manuscrito A (BNE 816), que conserva quase integralmente a primeira parte, e o manuscrito U (Vat. Urb. Lat. 539), da quarta parte”³, apresentando muitos deles apenas a parte bíblica ou a pagã. A versão galega da *General Estoria*, que serve de base a este trabalho, efectuada por autor desconhecido, mas onde surge referenciado o nome de Nuno Freire, que tanto pode ter sido o copista como o autor da tradução, encontra-se preservada no manuscrito O.I.1 da Real Biblioteca do Escorial, designado por *F*, que foi editado por Ramón Martínez López em 1963. Segundo Mariana Leite,

Es el más extenso y antiguo fragmento en gallego-portugués, cuya copia ha sido producida a mediados del siglo xiv. Desgraciadamente, el fragmento se acaba en el capítulo XXII del libro VII del Génesis, alcanzando la mitad de la primera parte de la *General Estoria*. Con 153 folios, en pergamino, redactado a dos columnas y de

¹ Lorenzo, «Geral Estoria», p. 292.

² Leite, «Entre galego-português e castelhan», p. 894.

³ Leite; Miranda, «Alfonso X, El Sabio, General Historia».

elaboración cuidada y elegante, traduce, de acuerdo con Diego Catalán, un borrador del *scriptorium* alfonsí. De hecho, *F* transmite lecciones exclusivas, con materia más tarde censurada en la copia regia, el testimonio *A* de la primera parte. Estos aspectos hacen de *F* un precioso testimonio de cómo se ha forjado la *General Estoria*, pues revela los procedimientos redaccionales e incluso, cómo ha funcionado la intervención del propio rey en la composición final del texto. Siguen un poco oscuras las circunstancias que habían llevado a que hablantes de gallego-portugués obtuviesen el borrador alfonsí y lo trasladasen a la lengua del occidente peninsular⁴.

Deste modo, a versão galega, conhecida por *Geral Historia*, “ficou interrompida na narração da terceira idade, a meio da vida de Jacob”⁵, não se sabendo porque ficou incompleta. No primeiro livro, que corresponde à primeira idade, narra-se a criação do mundo, a história de Adão e Eva e dos seus descendentes até Noé, e a criação dos primeiros ofícios. O segundo e o terceiro livros, correspondentes à segunda idade, apresentam a narrativa do dilúvio, a história de Noé e da sua linhagem, as partes em que o mundo se encontra dividido, as línguas europeias, os costumes dos tempos referenciados e mencionam os reis do mundo, os deuses e os ídolos pagãos. Nos restantes livros, o quarto, o quinto, o sexto e parte do sétimo, até onde a obra foi traduzida, dedicados à terceira idade, narram-se as histórias de Abraão e Sara, as histórias bíblicas de Sodoma e Gomorra, de Isaac e Rebeca, prosseguindo até à de Jacó, que se encontra incompleta, dos reis do Egipto e de Semiramis, referindo-se os reis que lhes foram contemporâneos, em particular os da Grécia e os Faraós, e “da razão da oitava esfera e dos planetas”⁶. A *Geral Estoria* apresenta uma concepção evemerista das religiões pagãs, considerando os deuses como personagens históricas que se notabilizaram entre os povos que as passaram a venerar.

Dada a importância dos textos sagrados para os homens medievais, explicando-lhes a sua origem e a história dos seus antepassados, assim como pelas múltiplas exegeses que lhe foram feitas, nomeadamente a partir do século III na nossa época, a presença dos animais ao longo dos seus livros apresenta-se fulcral, nomeadamente a partir da visão cristã do texto veterotestamentário, pois tornaram-se símbolos difundidos pelos clérigos, e deste modo conhecidos da população. Artistas e autores medievais divulgaram-nos, e como tal surgem referidos nos tratados que lhes foram dedicados, como nas enciclopédias e nos bestiários, assim como em outros textos eclesiásticos, sendo esse o caso da sua presença nas hagiografias, cujos milagres remetem para os narrados nos textos bíblicos. No estudo da presença dos animais na versão galega da *General Estoria*, privilegiaremos, em primeiro lugar, o estudo dos seres naturais que surgem associados a personagens bíblicas fundadoras de actividades que marcaram novas formas de interação entre o homem e aqueles, rumo à construção da civilização,

⁴ Leite, «La *General Estoria* entre dos lenguas».

⁵ Lorenzo, «Geral Estoria», p. 292.

⁶ *Ibidem*.

depois deste ter sido expulso do Éden, como é descrito no Génesis. Após o estado de harmonia e de convivência pacífica entre os homens e os animais, que marcou a vida no Paraíso, depois da expulsão de Adão e de Eva, estes e os seus descendentes tiveram, segundo a tradição bíblica, de sobreviver num mundo que muitas vezes lhes era hostil. Como dissemos, à narrativa das Escrituras, Afonso X juntou os míticos e fabulosos relatos dos povos pagãos, nomeadamente da Antiguidade, surgindo na *Geral Estoria* explicados em função da interpretação cristã das fontes herdadas. Apresentaremos, assim, as funções simbólico-alegóricas dos animais, a partir da explicação dos comentadores e divulgadores dos textos bíblicos que o autor utiliza na sua narrativa, incluindo a sua presença nos milagres, mas também nos textos originários da Antiguidade, e que são explicados na obra, e por fim faremos uma breve referência a que outras funções os animais alcançam no texto. Deste modo, o texto foi dividido em sete partes temáticas, estudando-se na primeira, denominada “O Génesis – O começo do mundo”, a relação entre os homens e os animais que se estabelece com a Criação e, sobretudo na sequência do Pecado Original, seguindo a linhagem de Adão até Noé, pois no tempo deste último um outro acontecimento fulcral veio reavaliar a interação entre os humanos e o meio natural, o dilúvio, sendo este último também analisado. Numa curta segunda parte, “Os Povos pagãos – O difícil recomeço”, assinala-se o surgimento dos povos pagãos e como são descritos na *Geral Estoria* os seus comportamentos e modo de vida, pois são inicialmente comparados aos dos animais selvagens. Numa terceira parte, “Os animais nas crenças Espirituais” estudamos como, segundo Afonso X, os animais surgiram nas religiões pagãs, onde chegaram a ser adorados, vindo depois a ser utilizados para figurarem, em muitos casos, os seus deuses e ídolos. De seguida, em “O simbolismo animal proposto por Afonso X”, são estudados os simbolismos que o autor atribui aos animais, tanto em narrativas bíblicas, como em histórias míticas da Antiguidade, e as explicações que para eles propõe. Noutro subcapítulo, “Os animais nos milagres”, surge o estudo dos animais em um milagre bíblico relatado na *Geral Estoria*, que por remeter para uma intervenção teofânica implica que surjam com uma importante componente simbólica. Ao longo do nosso estudo referiremos os simbolismos mais comuns que os animais adquiriram nos bestiários medievais, para avaliar se influenciaram os que o autor propõe e concluir se Afonso X os tomou em consideração, de modo a entender até que ponto o rei foi inovador nas suas propostas alegórico-simbólicas. Depois faremos um resumo das funções dos animais no texto, assinalando em que contextos os seres naturais surgem na obra, sublinhando as que não foram anteriormente indicadas, por os animais, nestes casos, não apresentarem uma componente simbólica. Segue-se a análise da presença dos animais no texto, a partir do quadro que elaborámos, onde surge representado o número de vezes em que cada animal é citado, o que proporciona uma análise quantitativa, que introduzimos neste subcapítulo. O texto termina com a conclusão do nosso estudo, reafirmando-se nele os principais aspetos do

simbolismo animal no texto, e fazendo-se a revisão das suas principais características.

1. O GÉNESIS – O COMEÇO DO MUNDO

Começamos com a análise da visão mítica do aparecimento e evolução do homem na Terra, a partir do relato no Génesis, com as dificuldades que nela deparam os humanos depois do Pecado Original e que simbolicamente revelam como os homens encararam o modo como os seus antepassados tiveram de sobreviver no mundo que os rodeava, sob a vigilância, e por vezes intervenções, das potências celestes, surgindo os relatos lendários e fundadores da relação com os animais com um forte cunho simbólico-alegórico, e por isso os elegemos para serem referidos inicialmente.

Segundo a *General Estoria*, os peixes e as aves foram obra do quinto dia da Criação, seguindo-se, no sexto dia, as *bestas grandes e as pequenas de todas as naturas*, ou seja, os animais que vivem e movimentam-se no espaço terreno. No mesmo dia foi depois criado o homem, à imagem e semelhança do seu Criador, para que fosse *aduiantado et señor de todas as criaturas que soom sus u oço*⁷. Deste modo, foi dado ao primeiro homem um estatuto superior ao resto da criação, tendo sido escolhido para nomear os animais, marcando, deste modo, a sua superioridade ontológica. No entanto, o Criador mandou que homens e animais vivessem em paz e se alimentassem das ervas da terra, das sementes e dos frutos das árvores⁸. A mulher foi criada depois de, segundo o narrador, Deus ter constatado que apenas o homem estava sozinho, pois de cada espécie animal criara macho e fêmea⁹. O sítio onde viviam situava-se a oriente, surgindo o Paraíso descrito a partir da informação de vários comentadores do texto bíblico. Nele reporta-se a existência da Árvore da Vida e do conhecimento, da qual Deus proibiu os primeiros humanos de se alimentarem dos seus frutos¹⁰. Na conhecida continuação, o rei refere como o diabo se transformou em serpente para, sob a sua forma, levar Adão e Eva a cometer o interdito, e a que Deus, irado, os expulsasse do Paraíso. Esta narrativa profundamente alegórico-simbólica teve profunda influência na forma como o réptil foi encarado no cristianismo, ficando associado ao mal, ao demónio e à mulher pecadora. No entanto, no primeiro bestiário elaborado que conhecemos, o *Fisiólogo*, muito provavelmente efectuado no século segundo ou terceiro da nossa era em Alexandria, que esteve na origem da tradição das obras morais sobre os animais que lhe sucederam e tiveram o seu apogeu nos séculos XII e XIII, a serpente apresenta uma simbologia positiva¹¹, o que não impediu que nos

⁷ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 4.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*, p. 7.

¹⁰ *Ibidem*, p. 6.

¹¹ «Fisiólogo», pp. 154, 157.

bestiários que lhe seguiram, e na tradição cristã, acabasse por se impor a conotação negativa que referimos e que é bem conhecida¹².

Os animais são outra vez referidos pelo narrador quando diz que Deus deu aos dois culpados, peles de gado para se cobrirem, uma vez que não só passaram a ter vergonha por se encontrarem nus, como pelo frio que pela primeira vez sentiram ao deslocarem-se fora do jardim do Éden. Mas também pela primeira vez vivenciaram o medo dos animais selvagens e das serpentes¹³, surgindo uma nova relação dos humanos com os animais que passaram a temer, enquanto passaram a precisar recolher as peles dos animais mortos para se poderem cobrir e enfrentar as novas condições em que tiveram de viver. Mais à frente, quando se fala dos filhos dos primeiros homem e mulher, surge a conhecida narrativa de Caim e Abel, segundo a qual este criava gado e fazia o sacrifício dos seus melhores animais a Deus, sendo o preferido da divindade. Já o seu irmão Caim, o primeiro assassino, dedicava-se à agricultura. A culpabilização que irá recair sobre este último, por ter matado o preferido divino, o guardador de gados, e a preferência divina ter recaído no pastor, acaba por reflectir o modo de vida escolhido pelos israelitas no texto bíblico, e assim justificar o dos patriarcas bíblicos que viviam da pastorícia. O narrador sublinha como Abel fazia oferendas ao Criador dos melhores cordeiros, mais limpos e gordos, assim como das outras espécies que criava, ao contrário do seu irmão que sempre oferecia sacrificialmente as piores espigas e os piores frutos do seu labor, aproveitando as plantas que encontrava perto das carreiras por onde passavam os animais¹⁴. Surge pela primeira vez no texto a referência a ofertas de animais nos sacrifícios para agradar ao divino, destacando o autor o cordeiro, que adquiriu no texto bíblico uma importante função como animal sacrificial, que estará na origem de se vir a tornar em um dos mais divulgados símbolos de Cristo¹⁵.

Uma nova interação entre homens e animais surge quando são mencionados os filhos de Lamec, Jabel e Jubal, da linhagem de Caim. O primeiro tornou-se criador de gado, indo com os seus animais pelos montes para que pastassem. Foi o primeiro homem a tosquiar e marcar o gado e, segundo é referido no texto, inventou tudo quanto se prende com o ofício de pastor, construindo cabanas para os seus guardadores de gado utilizarem durante a transumância. Foi também o primeiro a separar as diversas espécies animais que formavam os seus rebanhos. Para além disso, caçava veados e inventou todas as formas de caça e de *correr monte*, e utilizou redes para apanhar os peixes, tornando-se no primeiro pescador¹⁶. Trata-se, pois, de uma personagem fundadora de três formas de sobreviver dos homens, descobrindo pelo seu engenho como utilizar os animais em proveito dos homens.

¹² Chambel, *Os animais na literatura clerical*, pp. 25-26.

¹³ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 9.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 10,11.

¹⁵ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, pp. 59, 60.

¹⁶ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 15-17.

Sublinhe-se, porém, que estes ainda não se alimentavam de animais, nem aproveitavam a lã dos gados para tecer.

Quanto ao seu irmão Jabel, dedicou-se a encontrar formas de fazer música, descobrindo esta arte. Inventou os primeiros instrumentos musicais e a forma de os tocar. Relaciona-se esta personagem bíblica com os animais na medida que deles se serviu, nomeadamente das suas tripas, peles e chifres, para fabricar os instrumentos que concebia, para além de ter sido o primeiro homem a fornecer aos pastores instrumentos que os acompanhassem quando estes saíam com os animais, para enfrentar a solidão do ofício. Foi o irmão Jubal que nisso pensou nisso ao ouvir Jabel tocar. Pediu-lhe então para fazer os instrumentos que os guardadores de gado levariam consigo para melhor enfrentarem o isolamento social do ofício. Os instrumentos referenciados pelo autor remetem para os utilizados pelos homens da Idade Média, como a cítola, a viola, a harpa, o saltério ou os órgãos¹⁷. Melhor municiados, os homens começaram a enfrentar a natureza onde viviam com mais segurança, aliando a sobrevivência ao lazer e à arte. Tal como surge no texto bíblico, tais actividades são fruto do saber e do engenho de heróis que se tornam inventores das diversas formas de praticar um ofício, tal como ele era concebido e conhecido à época da elaboração da narrativa. Pela primeira vez surge referenciada uma arte que será praticada pelos descendentes do fundador, que também resulta na prática de uma actividade de lazer, ao explicar-se como o guardador de rebanhos a aproveitou em benefício dos homens que para que ele trabalhavam. No caso do texto do rei Afonso, destaca-se a menção a práticas e instrumentos típicos da Idade Média inventados por Jabel, numa visão histórica que não evita os paroxismos temporais.

Estes episódios apresentam uma componente simbólica, pois referem o aparecimento de formas de sobrevivência dos homens, depois do estado edénico que os fundadores da sua linhagem conheceram, adaptando-se à vida numa natureza hostil e conquistando-a à medida que aproveitam em seu benefício os animais, criados para estarem ao serviço dos homens, justificando-se a sua utilização. A referência a cada uma destas práticas representa um novo passo na conquista do meio natural e uma melhor adaptação a este, marcando os primórdios da organização civilizacional. Simbolicamente alude-se a esta formação por intermédio das personagens fundadoras.

Um novo capítulo da interação entre homens e animais tem lugar com o Dilúvio. É depois deste que os homens passam a alimentar-se da carne dos animais, mas também do vinho. Segundo explica o narrador, antes os homens caçavam para obter peles de animais¹⁸. Aquele, porém, refere como Deus interdita o consumo da carne com sangue¹⁹. Para além disso, sublinha como, a partir da inundação da terra, os animais passaram a temer os homens. Mas o episódio de Noé e da arca tem

¹⁷ *Ibidem*, pp. 17, 18.

¹⁸ *Ibidem*, p. 20.

¹⁹ *Ibidem*, pp. 46, 47.

aspectos que merecem a nossa atenção, tendo em vista o estabelecimento de simbologias importantes para o cristianismo. Deste modo, como é conhecido, Deus irado com a maldade dos homens decide inundar a terra de água para que os culpados de tal comportamento sejam destruídos, e um recomeço para a humanidade tenha lugar. Escolhe o único homem que considera isento de maldade e manda-o construir uma arca onde levasse um macho e uma fêmea de cada espécie animal dos animais ferozes, e sete pares para os que servirão para os homens se alimentarem e que sejam mansas e *limpas*²⁰, muito provavelmente as que, segundo as prescrições do Levítico, pudessem ser consumidas pelos israelitas. Os exemplares de cada espécie são preservados para que se reproduzam e continuem na terra, sendo que o farão, essencialmente, para serem usados pelo homem e caçados pelos ferozes, embora o perigo que estes representam para aquele nunca deixará de estar presente. Mas os futuros homens poderão utilizar a carne e a sua pele para os diversos usos que referimos anteriormente, mas também como meios de transporte, como ofertas à divindade nos sacrifícios, na pastorícia, como presas de guerra, meios de recompensar serviços, nas batalhas ou como indicativo, no caso do gado, da riqueza e poder de um dono, sendo estas algumas das funções animais que surgem referidas ao longo da Geral História para os animais e que mais à frente pormenorizaremos.

Mas, como especifica mais à frente o narrador, servindo-se dos comentários de Pedro Comestor ao texto bíblico, os animais que vivem e se reproduzem na água e aqueles que foram considerados na Idade Média como nascidos da podridão, ou de outra coisa, como o fogo, e que não fosse por semente de geração de macho e fêmea, como é o caso das moscas, abelhas, vespas ou vermes, ou das salamandras, não entraram na arca, pois a continuidade da espécie já estaria assegurada²¹. Voltando à arca, ela foi construída por Noé e a sua família e nela entraram os animais da terra e do ar. Mandou a divindade que a arca estivesse dividida em câmaras nas três partes que compunham a arca de modo que uma deles ficasse para os homens, outra para o gado e os animais selvagens e uma terceira, na parte de cima da arca, para as aves. Estas câmaras seriam compostas por divisões mais pequenas, cada uma delas para transporte de cada espécie animal²². Depois de tudo preparado, após Noé ter seguido as instruções divinas para construir a arca e aí ter introduzido os animais, Deus enviou as águas que submergiram as terras matando quem lá vivia, começando a chover de forma que a maioria das aves acabou por também morrer, e as que poisaram na arca, visto que ela se encontrava fechada, pereceram agarrados a ela²³. Quando o tempo amainou, Noé para saber se já havia terra seca onde pudesse desembarcar soltou um corvo. Segundo a tradição, o corvo não voltou o que foi interpretado, pelos exegetas medievais da Bíblia, por parte da

²⁰ *Ibidem*, p. 32-39.

²¹ *Ibidem*, p. 40.

²² *Ibidem*, p. 37.

²³ *Ibidem*, p. 41.

terra já se encontrar seca e a ave ter aproveitado para ficar a comer os cadáveres. Tal leitura veio a esta na origem na simbologia negativa que o animal adquiriu no cristianismo, tal como sucede com outros animais necrófagos, remetendo a ave, simbolicamente, para “o demónio, o pagão, o pecador que se entrega aos prazeres deste mundo adiando a sua conversão para o dia de amanhã”²⁴, não obstante noutra narrativa bíblica surgir com uma conotação positiva, na dos corvos que alimentaram o profeta Elias. Mas ao ter sido considerado pelas Escrituras como um animal que não era *limpo*, e que, portanto, não podia ser consumido, acentuou-se a vertente negativa da conotação simbólica. Segundo especifica o narrador, outros comentadores do texto bíblico dão outra explicação para o episódio, dizendo que o corvo se perdeu da arca, acabando por morrer nas águas, pois também não teria encontrado terra. Jerónimo e Agostinho, porém, afirmam que a ave poisou em algum animal que boiava e se alimentou dele até que as águas baixaram. Outros foram de opinião de que não poderia ter morrido porque se assim fosse desapareceria a espécie²⁵, pois, como mais à frente se afirma, depois da Criação mais nenhuma espécie animal surgiu.

Em suma, o corvo não regressou pelo que Noé enviou uma pomba, a ave mais mansa, com o mesmo intuito. A pomba, não encontrando sítio seguro onde pisar, voltou para a arca. Noé resolveu esperar significativamente sete dias, um número também ele rico em conotações simbólicas, e enviou outra vez a ave que regressou trazendo folhas no bico de forma que Noé entendeu que já havia terra seca onde pudesse desembarcar. A pomba, que anuncia a vida renovada na Terra e a esperança de um recomeço para a humanidade, acabou por adquirir simbolismos positivos na Idade Média, representando a virgindade, a paz, a alma fiel, a virgem e a Igreja²⁶. Ao surgir durante o baptismo de Cristo enquanto se ouvia uma voz dizendo: “Este é o meu filho amado, em que me comprazo”(Mt 3, 16,17) tornou-se o símbolo do Espírito Santo. Finalmente Noé encontrou terra e surgiu a voz de Deus que lhe ordenou que soltasse os animais e que a sua família fosse para terra, de forma que todas as espécies animais salvas e os homens aí se reproduzissem e espalhassem para repovoá-la. Noé tomou as que eram para ser por si e pelos seus comidas e guardou-as. Depois fez sair ordeiramente os outros animais. Primeiro foram as aves que não viviam da caça, para que se pudessem multiplicar e não fossem logo capturada pelas caçadoras. Depois abandonaram estas a arca. O mesmo fez com os quadrúpedes, soltando primeiro os mansos e depois os selvagens²⁷. Noé tomou então as *anymalias limpas* que ficaram consigo para fazer um sacrifício a Deus, agradecendo-Lhe e pedindo-Lhe misericórdia e piedade para com a espécie humana, ou seja, para que os seus descendentes povoassem a Terra e os animais se multiplicassem, e para que Aquele não voltasse a punir os homens como fizera com

²⁴ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, p. 549.

²⁵ *Ibidem*, pp. 43, 44.

²⁶ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, pp. 51, 52.

²⁷ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 43, 44.

o Dilúvio²⁸. Daí em diante, como referi, os animais passarão a servir de alimento para os homens, finalizando o que ainda restava da convivência pacífica entre homens e animais, instaurada no Paraíso. Relembre-se, porém, que os homens já caçavam, utilizando as peles para se cobrirem e as tripas, a pele e os ossos para fazerem instrumentos musicais, depois de Jabal os ter inventado. Foi por ser confundido com uma besta que Caim acabou por morrer às mãos do grande caçador Lamec, pois o primeiro assassino era *veloso*, ou seja, encontrava-se coberto de pelos, pelo que foi confundido com um animal²⁹, surgindo assim uma comparação física entre homens e animais, uma função que estes últimos terão mais vezes no texto. O homem também já fazia criação de gado, sendo esse o modo de vida de Abel e depois desenvolvido por Jubal. Tinham, porém, de se defender dos animais selvagens, e desde o tempo do filho pastor de Adão e Eva temos notícia de sacrifícios de animais à divindade. Mais à frente surge referido o primeiro homem que cavalgou, usando um cavalo como meio de transporte, dizendo-se que foi Ismael³⁰.

2. OS POVOS PAGÃOS – O DIFÍCIL RECOMEÇO

O narrador volta a referir os animais, na sequência do Dilúvio, para reportar que duzentos anos depois deste os conflitos entre membros da linhagem de Noé começaram com disputas sobre a posse de gado e respetivos pastos, pelo que a esperança de um recomeço de uma nova harmonia entre humanos se começa a esbater, surgindo conflitos baseados na ambição e na procura de riquezas, competindo os homens ente si³¹. Mais à frente, é indicado como ao espalharem-se pela terra perderam os bons costumes que o seu antepassado tivera, assim como a linguagem e as memórias que lhes eram comuns, permanecendo em comunidade pequenas ou mesmo isolados, passando a maioria a viver como *animalyas brauas e mudas*, que assim servem para uma comparação com eles, neste caso comportamental³². Os homens regrediram até aos tempos pré-diluvianos, como veremos de seguida. No entanto, alguns mantiveram a boa crença e os bons costumes. Foram os que formaram a linhagem de Adão à Virgem, que seguiram a Escritura, a dos patriarcas bíblicos e dos santos padres que A compuseram, mas que depois não acreditaram no Deus nascido da Virgem, ou seja, os judeus, que viveram separados dos homens das outras linhagens até à sexta Idade³³. No entanto, ao referir mais à frente que o pai de Abraão fazia ídolos, acaba por assinalar a influência que neles tiveram as linhagens que se tornaram pagãs³⁴.

²⁸ *Ibidem*, pp. 44-47.

²⁹ *Ibidem*, p. 21.

³⁰ *Ibidem*, p. 268.

³¹ *Ibidem*, p. 54.

³² *Ibidem*, pp. 104, 105.

³³ *Ibidem*, p. 87.

³⁴ *Ibidem*, p. 134.

3. OS ANIMAIS NAS CRENÇAS ESPIRITUAIS

Muito sumariamente referiremos a evolução destas últimas em contacto e confronto com o meio ambiente, e em particular os animais, e por fim a evolução das suas crenças. Para referenciar como viviam, o autor diz que eram, como referimos, como animais que vagueiam pelos ermos e montes sem pastor. Não acreditavam em Deus, nem casavam ou tinham crenças. Viviam sem leis e não havia justiça entre eles, como entre as *bestas*. Combatiam como os animais pelejam, sem armas. Alimentavam-se como viam estes fazer, bebendo da mesma forma, uma situação bem diferente para a que vimos do início da humanidade com a linhagem de Adão. Começaram depois a criar gado e a beberem o seu leite. Dos animais utilizavam ainda as peles para cobrirem as partes *vergonhosas*, embora também utilizassem folhas de árvores e cortiça. Moravam em covas. Ao observarem como os animais resistiam ao frio com a lã e as peles grossas passaram a tentar imitá-los, fazendo, a partir daquela, que tiravam aos animais, linho para tecerem. Entretanto, começaram a viver com mulheres de forma permanentemente, em vez de delas se aproveitarem para depois as deixar, dando início a um rudimento de laços familiares. O passo seguinte rumo a um estado civilizacional foi a prática da agricultura, lavrando terras e começando a se alimentar de animais e aves que encontravam mortos. Iniciou-se então a caça³⁵. Paralelamente, o autor explica como se processou o início e o progresso das crenças espirituais, quando ainda não tinham casas, pelo que acompanhavam o gado e alimentavam-se de animais mortos e de peixes, secando as carnes ao sol. Os pastores passaram a construir cabanas com paus e varas. Com peles de animais faziam tendas e calçado, começando a dominar o fogo. Teria sido durante este processo que se iniciaram as crenças espirituais. A partir da adoração das pedras evoluíram para a das árvores e plantas e depois para a dos animais, primeiro os da terra, depois os peixes e finalmente as aves, encontrando-se reflectida nesta sequência o escalonamento atribuído aos elementos quanto à sua nobreza. Deixaram de matar os animais adorados³⁶.

Este estádio não foi comum a todos os homens pois entre eles as crenças eram diversas, explicando-se as diferenças de religião entre os povos. Passaram, nesta altura, a amansar e cavalgar em bestas de carga e transporte, embora não conhecessem os freios, inicialmente substituídos por varas torcidas, e a utilizar arcos e flechas, sugerindo que, com o desenvolvimento da sociedade, surgiram conflitos mais complexos entre os homens de estatuto organizacional e crenças diferentes. Entretanto, alguns evoluíram nas suas crenças, e passaram a adorar os elementos, pois acreditavam que eles estavam na origem dos animais e das plantas que deles seriam formados, escalonando-os, como vimos para os animais, seguindo a progressão dos elementos adorados, ou seja, passando do inicial elemento terra até

³⁵ *Ibidem*, pp. 87-90.

³⁶ *Ibidem*, pp. 90,91.

ao final ar. Começaram a observar os planetas, que substituíram as antigas crenças, dando nomes às constelações, sendo que a algumas deram denominações de animais e começaram a acreditar nos signos e na sua influência no destino dos homens. Teria sido então que começaram a fabricar os primeiros ídolos³⁷, durante o reinado do rei da Assíria Nino e no tempo de Terá, o pai de Abraão, fazendo imagens dos planetas de ouro e de prata e de outros metais, consoante o que lhes parecia ser o mais adequado para cada um. Sacrificavam-lhes animais limpos, como touros e carneiros, entre outros, mas também aves. Passaram a ter sacerdotes e templos que os guardavam, construindo-os à semelhança do que lhes parecia que convinha a cada planeta³⁸. Segundo uma conceção evemerista das religiões pagãs, o autor explica o posterior surgimento dos deuses antropomorfos, atribuindo-lhes uma inicial condição humana, pois tratar-se-iam de heróis ou reis que se destacaram e passaram a ser adorados como deuses³⁹. Deste modo, os animais participaram do processo evolutivo material dos homens, que os comiam e utilizavam as suas peles para se cobrirem, vindo a redescobrir a caça e a pesca, a utilização dos gados que levavam para pastar e dos quais se alimentavam e faziam as vestes, para além de deles se servirem para transporte e carga. Os animais também foram associados à vida espiritual ao serem adorados, e mais tarde, quando os homens deram o nome de diferentes espécies animais a constelações e a signos por eles adorados, foram figurados nos ídolos que os representavam, tendo sido associados aos diversos deuses pagãos.

Deste modo, o elemento terra era figurado por uma serpente, entre outras imagens, sendo-lhe atribuído o nome Rea e Cibele. Ao elemento água eram feitas figuras de seres deste elemento, como baleias, golfinhos, *orças* e todos os peixes, para além dos animais que se podem encontrar perto do mar, ou por um ser com figura de homem da cintura para cima e o resto do corpo como peixe. Nalgumas terras, Neptuno, tido por deus das águas, era adorado em forma de touro, sendo no Egipto chamado de Ápis, uma vez que os gentios representavam os deuses em muitas formas, consoante as diferentes regiões onde viviam⁴⁰. O elemento ar era adorado com ídolos da feitura de aves e o do fogo por uma salamandra, um animal que era considerado que vivia e sobrevivia nesse elemento, uma crença também divulgada na Idade Média pelos bestiários, e já por Santo Agostinho, na sequência do que sobre ela escreveram os naturalistas da Antiguidade, ao afirmarem que apagava o fogo⁴¹, uma característica que também surge na Bíblia, numa fala atribuída ao profeta Isaías (Is 43,2). A figura de um carneiro servia para adorar Júpiter e a do corvo o sol. Baco era figurado em forma de um bode e Juno por uma vaca branca, que corresponde ao ar de juso. A deusa do amor Vénus era adorada

³⁷ *Ibidem*, pp. 92-98.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*, pp. 115,116.

⁴⁰ *Ibidem*, pp. 135,136.

⁴¹ Mariño, *El simbolismo animal*, pp. 396-398.

por um ídolo em forma de peixe e Mercúrio por um com a forma de cegonha⁴². Quanto a este, o deus do trivium, segundo o autor, seria adorado em forma de uma cegonha, como dissemos, e o narrador explica a associação ao afirmar tratar-se de uma ave que simboliza os sabedores, pois quando se alimenta de algo sabe o que lhe pode fazer mal. Deste modo, devido ao seu longo pescoço, prova o que come e apercebe-se do que a poderá prejudicar e provocar doenças e recusa-se a digeri-lo. Na conotação simbólica da ave diz que também os sabedores devem pesar e pensar no que vão dizer antes de falarem⁴³. A atribuição da cegonha a Mercúrio resulta de uma confusão. Na verdade, Hermes, o deus grego correspondente, tem como ave a íbis e não a cegonha, tendo-se transformado naquela ave, segundo as metamorfoses de Ovídio⁴⁴. Isabel Rebelo Gonçalves explica a associação do deus à ave através da identificação de Tot com o deus grego Hermes⁴⁵. Segundo Eliano, a íbis foi considerada a ave associada a Hermes, deus que descobriu as letras, pois quando voa fá-lo em bando e parece no ar desenhar no um “v”. Associado no Egipto a Tot, foi considerado o descobridor dos números, da geometria, da astronomia, do jogo das damas e dos dados, para lá das letras, encontrando-se assim justificada a associação medieval ao deus do trivium que Afonso X reporta. Hermes também é considerado o deus da eloquência⁴⁶. Se na Antiguidade a íbis gozou de uma visão positiva, assumindo no Egipto a função de condutora das almas e símbolo da ressurreição⁴⁷ foi considerada impura na Bíblia (Deuterónimo 14, 16) e necrófaga. No *Fisiólogo*, é afirmado que a íbis não sabe nadar e não é capaz de mergulhar para apanhar os peixes puros das profundezas, mas apenas os imundos da superfície, representando simbolicamente o pecador⁴⁸. Os bestiários medievais, na sequência da Bíblia e do *Fisiólogo*, acentuaram a vertente negativa do animal⁴⁹ considerando-o impuro e símbolo do homem carnal e pecador, sujeito aos vícios carnis como a luxúria e a fornicção⁵⁰.

O narrador afirma de seguida que para os atributos dos deuses pagão recorreu à *Metamorfoses* de Ovídio, um livro em que o autor latino escreveu simbolicamente, ou seja, que precisa de ser descodificado⁵¹, como o autor fará acerca da narrativa da metamorfose forçada de Io. A partir da fuga dos deuses para o Egipto para escaparem ao gigante Tífon, narrado no livro do poeta latino, volta-se a referenciar na *Estoria* a transformação dos deuses da mitologia clássica a partir

⁴² *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 135,136.

⁴³ *Ibidem*, pp. 136.

⁴⁴ Ovídio, *Metamorfosis*, 5,332.

⁴⁵ Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol. 2, p. 39.

⁴⁶ Mariño, *El simbolismo animal*, pp. 203-205.

⁴⁷ Charbonneau-Lassay, *El bestiario de Cristo*, vol. 2, pp. 573-575.

⁴⁸ «Fisiólogo», pp. 203, 204.

⁴⁹ Mariño, *El simbolismo animal*, p. 204. Pastoreau; Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 80.

⁵⁰ *Le bestiaire*, ed. Muratova y Poirion, pp. 125, 126. Beauvais, Pierre de, «Bestiaire», pp. 35, 36; Guillaume le Clerc de Normandie, «Bestiaire Divin», pp. 86, 87.

⁵¹ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 259.

dos seus nomes latinos, e de Apolo e de Diana através dos astros que os representaram, o sol e a lua respetivamente, associados o primeiro ao corvo e a segunda à cervo. Deste modo, os animais que surgem relacionados com as divindades na *General Estoria* não são sempre os que habitualmente os representam, mas os animais em que se metamorfosearam para escaparem do temível gigante⁵². É o caso, por exemplo de Juno, cuja ave que lhe é associada é o pavão, e que mais à frente Afonso X referencia através da lenda de Mercúrio e da punição de Argos. O autor reitera as associações já feitas e a estas apenas queremos notar que no caso de Júpiter, Ovídio não escreveu o nome do animal, mas referenciou Júpiter/Amon pelo nome de o “guia do rebanho”, transformado em figura de cornos retorcidos⁵³. Isabel Rebelo Gonçalves, na sua completa análise das metamorfoses, considerou que se trataria de um touro⁵⁴ e isso explicaria que a sua esposa aparecesse associada à fêmea deste animal, a vaca branca. No entanto, para Alain Gheerbrant e Jean Chevalier, a figura é a de um carneiro pois é este que é associado ao deus egípcio do ar e da fecundidade, cuja representação é a de um ser com corpo de homem e cabeça de carneiro⁵⁵. E como Ovídio fala de um ser com cornos retorcidos, este é o caso deste animal. Como é referido como “guia do rebanho”, a atribuição do animal a um carneiro é mais adequada do que à de um touro. Depois o autor faz uma leitura simbólica do episódio explicando que deve ser entendido como uma alegoria simbólica da fuga que Jesus e os pais tiveram de fazer para o Egipto, por *amaldade dos judios*, recuperando a narrativa bíblica e afirmando que Tífon representa simbolicamente Herodes⁵⁶. Explica que a semelhança da divindade cristã com um carneiro é a que vem da velha lei, reportando-se a como exegese cristã interpretou este animal sacrificial nas palavras dos profetas, pois os animais de gado como o cordeiro, a ovelha ou o carneiro eram animálias sacrificiais e foram associados a Cristo, uma vez que Este foi imolado sem se rebelar, como surge nas palavras de Iaías, 53, a propósito do cordeiro sacrificial, ou seja um carneiro jovem. É considerado o “guia do rebanho”, referenciado nas *Metamorfoses*, sendo este formado por ovelhas, simbolicamente o povo de Deus, os fiéis. O pastor foi na exegese cristã considerado Cristo⁵⁷, o que levou à Sua associação com o Bom Pastor que dirige o rebanho. Tais explicações também surgem em Carbonneau-Lassay⁵⁸ e Mariño Ferro⁵⁹. Já Alain Gherbrant e Jean Chevalier referem como a representação, que referimos para Amon, de um ser parte homem, parte carneiro, assim como os ritos pastorais e as crenças que foram dedicadas ao deus egípcio,

⁵² *Ibidem*, pp.138, 139.

⁵³ Ovídio, *Metamorfosis*, V, 327.

⁵⁴ Gonçalves, *Imagens e símbolos*, vol. 2, p. 473.

⁵⁵ Chevalier; Guerbraant, *Dicionário dos Símbolos*, p. 160.

⁵⁶ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 139.

⁵⁷ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, pp. 41-42

⁵⁸ Charbonneau-Lassay, *El bestiario de Cristo*, pp. 202-206.

⁵⁹ Mariño, *El simbolismo animal*, pp. 323, 324.

encontram-se na “origem do Cristo Bom pastor e de numerosas representações cristãs de pastores com um cordeiro ou um carneiro aos ombros”⁶⁰.

Deste modo, os animais também foram utilizados para figurações dos deuses pagãos a partir da associação aos animais que lhes surgem relacionados na mitologia greco-latina e na egípcia, em particular na história de Tífon reportado pelas *Metamorfoses*. Afonso X insiste que a associação de Cristo com o carneiro, é sobretudo por aquele ser um animal sacrificial na velha lei⁶¹, como surge referenciado em estudo da narrativa bíblica de Pedro Comestor⁶².

Depois de relatar como Abraão destruiu os ídolos, o narrador menciona como estes não têm poder, a não ser por intervenção de um espírito maligno, e reitera as figurações que analisámos, surgindo referidos o carneiro, o bode, a cegonha, mas também o touro. E mesmo pela intervenção de um espírito, insiste o narrador, os animais representadas não podiam fazer mais do que emitir os brados próprios desses seres naturais, a não ser que Deus resolvesse intervir e realizar um milagre⁶³.

Após termos abordado o difícil processo de domínio do homem sobre a natureza, no que à relação com os animais diz respeito, referindo personagens míticas que teriam inventado novas formas de sobreviver no sempre periclitante espaço adverso em que os homens tiveram de viver depois de Adão e Eva terem sido expulsos do Paraíso e de termos referido como Afonso X explica a adoração dos elementos naturais, depois associados aos deuses pagãos (figurados nos ídolos por animais), iremos analisar as outras animálias simbólicas que surgem no texto sendo sugeridas leituras alegórico-simbólicas pelo autor. Finalmente faremos alusão às que surgem associadas a milagres. Estas últimas ao referirem a intervenção divina, remetem para uma ingerência no mundo do sagrado, modificando o seu curso natural, marcando uma acção do inefável e “indizível” na esfera da ordem terrena pelo que adquirem uma significação simbólica⁶⁴.

4. O SIMBOLISMO ANIMAL PROPOSTO POR AFONSO X

Vejamos agora os animais a quem é dada, pelo autor, uma conotação simbólico-alegóric a espécie. Ismael, filho de Abraão e da Agar, a escrava egípcia de Sara, é associado ao onagro, ou zebro selvagem, pois Deus anunciou ao patriarca hebraico que dele nascerá um povo poderoso e conquistador, referindo o rei que se reporta aos árabes. Segundo explica o autor, o filho de Abrão foi designado de *onagro* e *onager*, que em latim quer dizer zebro, ou asno selvagem. A explicação que é dada para tal atribuição, é da que os zebros e as corças que vivem no deserto são os animais mais cruéis. Afonso X afirma que, como *contã alguís*, de Ismael

⁶⁰ Chevalier; Gueraant, *Dicionário dos Símbolos*, p. 160.

⁶¹ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 139.

⁶² Chambel, *Os animais na literatura clerical*, pp. 110-112, 118.

⁶³ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 142.

⁶⁴ Durant, *A Imaginação simbólica*, pp. 9-13.

descenderam os mouros ou agarenos, por causa do nome da sua mãe⁶⁵. A tradicional atribuição de Ismael como antepassado dos árabes, também referenciada em comentário na *Bíblia de Jerusalém*⁶⁶, é explicada pelo rei ao dizer que Metódio profetizou que os descendentes de Ismael matariam muitos cristãos, estragariam santuários, dormiriam com as mulheres nas igrejas para lá de outros actos destrutivos que ilustram a crueldade desse povo. Tal comportamento e destino, ficou a dever-se aos pecados cometidos pelos cristãos, afirmando o autor que deste modo se cumpriu o que Ezequiel tinha profetizado⁶⁷. Já antes Afonso X referira que seria um poderoso povo ao dizer que da linhagem de Ismael sairiam os que conquistariam a maior parte da terra e governá-la-iam durante *grã tempo*. Segundo explica, dele foram originários quatro reis que se levantaram contra os filhos de Israel até serem derrotados por Gideão. A ferocidade associada ao onagro surge referida desde a Antiguidade, essencialmente, quando se encontra em presença de outro macho. É assim que, segundo Opiano, quando nasce um filho varão logo é atacado pelo pai, sendo-lhe retirados os genitais, que depois são devorados por aquele⁶⁸. Para o evitar, diz Plínio, as fêmeas escolhem lugares isolados para dar à luz⁶⁹. Michel Pastoreau e Gaston Duchet-Suchaux afirmam que os autores cristãos associaram o animal com o diabo baseado no facto de ele ser cruel ao ponto de destruir a sua prole masculina⁷⁰. Para o autor do Bestiário de Oxford⁷¹ tal associação deve-se ao facto do onagro saber sempre, tanto a hora do dia, como da noite, considerando as duas partes iguais, ou seja, simbolicamente, sabe que o povo que andava nas trevas será convertido a Deus, juntando-se aos justos. O Bestiário Toscano considera-o um símbolo dos homens falsos⁷². Deste modo, é sobretudo devido à crueldade atribuída ao animal e à sua suposta selvajaria, já referenciada pelos autores clássicos, e que depois foi divulgada pelos medievais, que o autor considera ter sido Ismael associado ao onagro. Por sua vez, o facto de este ser o antepassado dos árabes baseia-se em estes terem sido considerados pelos cristãos, como um povo destemido e cruel, tendo Afonso X sido contemporâneo e participante das batalhas que os cristãos com eles tiveram. Ismael é também referenciado como o primeiro homem a fabricar um arco e disparar com ele, mas o rei, reportando-se a Godofredo de Bolhões, afirma que o terá achado no deserto por intervenção divina, que o enviou por um anjo, para se poder manter e à mãe no deserto, juntamente com o isqueiro, a isca e o respetivo pedernal⁷³. Deste modo assume-se como o mítico primeiro utilizador da poderosa arma de guerra e de caça.

⁶⁵ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 202.

⁶⁶ *A Bíblia de Jerusalém*, p. 66, nota a.

⁶⁷ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 221, 222.

⁶⁸ Opiano, *De la caza*, III, 198.

⁶⁹ Plínio, *Natural History*, VIII, 108.

⁷⁰ Pastoreau; Duchet-Suchaux, *Le bestiaire medieval*, p. 100.

⁷¹ *Le bestiaire*, ed. Muratova y Poirion, pp. 88, 89.

⁷² *Bestiario Toscano*, p. 12.

⁷³ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 222.

Foi também, segundo a *Estoria*, o primeiro homem a cavalgar, servindo-se de um cavalo para seu transporte.

O autor menciona depois o conhecido episódio bíblico em que Deus ordena a Abraão que Lhe sacrificasse o seu único filho da mulher com quem casou, narrada em Gén. 22. Como na narrativa bíblica, a divindade acaba por impedir que o patriarca cumpra o pedido quando este se apresta para fazê-lo. De seguida, Abrão encontrou, nas imediações, um carneiro e sacrificou-o. O narrador coloca então a questão de como surgiu o carneiro pois não haveria notícia na Bíblia de que Deus tivesse criado mais algum animal depois dos seis dias da Criação. A este propósito apresenta o parecer de vários exegetas do texto bíblico, defendendo alguns que o animal estava escondido e outros que foi efectivamente então criado. Depois de escrever diversos pareceres, o rei é da opinião que o animal foi para ali trazido, mas também criado, pois deve-se entender que foram as espécies animais que surgiram na Terra pelo acto criador divino, pelo que o aparecimento de um ser de uma espécie já existente pode provir de uma nova intervenção divina⁷⁴. Afonso X questiona se o animal foi um carneiro pois, como o Levítico especifica em Lev, 4, 5, os animais sacrificados para reparar a culpa de um líder político, designado por príncipe pelo rei, do povo e pela de um sacerdote, (*bispo mayor*) são diferentes, ou seja, segundo a *Geral Estoria*, são, respetivamente, um bezerro, um bode (*cabrô*) e um carneiro⁷⁵. Reporta-se que a palavra hebraica utilizada no texto sagrado deve corresponder a *bode* e refere que esta é a designação mais adequada para este sacrifício devia ser a que corresponde a *cabron* por ter sido feito para redimir o povo, como defendem Pedro Comestor e Jerónimo, a partir da palavra hebraica *sabec* depois traduzida para latim. Os padres da Igreja entenderam que o episódio deve ser entendido simbolicamente. Assim, Abraão simboliza Deus e o filho do patriarca Cristo, o Filho de Deus sacrificado pelo Pai para redimir os pecados da humanidade⁷⁶. Deste modo, o autor considera que o carneiro é o animal que foi efetivamente sacrificado pois é uma oferta mais adequada para o Filho de Deus, por ser mais limpa e a que melhor se coaduna com Este. Deus. A simbologia de Cristo surge associada a um animal sacrificial da Bíblia, especialmente a partir dos profetas, e mais concretamente de Isaías em Is. 53, 7, sendo este habitualmente considerado um cordeiro, tal como também na Páscoa judaica, foi este o animal imolado. Deste modo, este animal teve uma simbologia positiva e o carneiro, como bezerro macho, e também sacrificial, participou dessa conotação, tendo sido associado à imagem de Cristo, como o Bom Pastor⁷⁷, como vimos atrás. É claro que o nome do animal pode variar segundo as traduções do texto bíblico, mas o bode é claramente, embora também um animal sacrificial, de uma espécie diferente. Para além disso, o bode foi entendido na Idade Média como um animal luxurioso,

⁷⁴ *Ibidem*, p. 228.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 228, 229.

⁷⁶ *Ibidem*, pp. 228.

⁷⁷ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, p. 49.

impuro e conotado com o diabo⁷⁸. Daí que o autor considere que o animal que mais se adequa a simbolizar Cristo seja o carneiro e que assim deve ser entendido no texto bíblico.

Mais à frente Abraão, depois de chegar a acordo com Abimelec, acerca do uso de um poço, oferece vacas e ovelhas ao rei de Siquém⁷⁹, surgindo assim o gado como uma importante fonte de riqueza, que pode ser utilizada em ofertas e fixar pactos. O patriarca hebraico separa depois do seu rebanho sete cordeiros e ofereceu-os a Abimelec, dizendo que ficariam como testemunho do acordo entre os dois. O simbolismo dos sete cordeiros, que também surgem como ovelhas na Bíblia de Jerusalém, (Genesis, 21, 28) ou sete cordeiras, como surge mais à frente na *Geral Estoria*⁸⁰ para explicar a razão de ter sido dado o nome de Bersabe ao poço, que se viria a tornar na cidade israelita do mesmo nome, é-nos dado pelo próprio autor ao reportar que no comentário de Santo Agostinho ao episódio, este afirma que pelos sete cordeiros devemos entender as sete mulheres de que fala Isaías e os sete dons do Espírito Santo. Ambas as conotações dizem respeito às profecias de Isaías, surgindo referidas respectivamente em Is. 4,1 e Is. 11,2. O primeiro reporta-se aos tempos de carestia que atingirão os israelitas em Jerusalém, dizendo-se que sete mulheres “lançarão mão de um homem”, para que ele seja seu senhor, afirmando-se a falta de varões que então terá lugar. A outra referência profética diz respeito ao “descendente de David”, que a exegese cristã identificou com Cristo, sobre o qual recairão os sete bens do Espírito de Yahweh, referidos em comentário na *Bíblia de Jerusalém*: a sabedoria, a inteligência, a prudência, a bravura, o conhecimento e o temor de Yahweh, sendo este depois desdobrado, para surgir a tradicional piedade e o discernimento⁸¹, que mais tarde serão considerados e divulgados. Deste modo os sete cordeiros são neste trecho símbolos das sete mulheres e dos sete dons do Espírito Santo.

O narrador fala depois do conhecido episódio de Io transformada em vaca. A história surge contada por Ovídio nas *Metamorfoses*⁸² e aqui apenas faremos referência aos pontos principais da narrativa, pois há pormenores diferentes do mito clássico. Para além disso pretendemos introduzir os animais mencionados, cujo simbolismo é depois explicado. Segundo o autor, Io, uma princesa filha do rei Ínaco, monarca de quem deram o nome a um rio, pois naquele tempo associavam-se os soberanos prestigiados a elementos naturais e a deuses, foi amada e desejada pelo rei Júpiter. Este também veio a ser considerado um deus dos gentios, originalmente o filho menor do rei Saturno que reinou em Creta, e depois o mais poderoso dos deuses, inventor da caça com aves, uma referência paradoxal pois os antigos desconheciam a caça com aves caçadoras, e conhecedor das artes do *trivium*

⁷⁸ *Ibidem*, p.57.

⁷⁹ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 223, 224.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 224.

⁸¹ *A Bíblia de Jerusalém*, p. 1272, nota d

⁸² Ovídio, *Metamorfosis*, I, 583-746

e do *quadrivium*⁸³, casado com a sua irmã Juno. Mal viu a jovem, andando perto do grande rio com o nome de seu pai, logo a amou e levou-a para o pé de si, depois de enganar a fugitiva princesa. Mas, para iludir a sua mulher e irmã, que desconfiou do comportamento do deus, transformou-a numa vitela. Juno, no entanto, desconfiou do interesse do marido pelo belo animal e pediu a vitela. Júpiter teve de lha oferecer. A rainha, rica em gados, deu-a a guardar ao seu *mordomo* e pastor Argo, que possuía cem olhos, pelo que mesmo quando fechava alguns para dormir outros ficavam abertos, vigilantes, transformando-o num temível guarda. Io padeceu ao ver-se transformada no animal e tão ciosamente guardada. Com pena de Io, Júpiter mandou Mercúrio, seu filho, também ele depois assimilado a um deus, sábio das artes do *trivium* e do *quadrivium*, matar Argos. Mercúrio, segundo sublinha Afonso, quer dizer *palavra* ou razão mediadora entre os homens e deus, para além de ser considerado o senhor dos mercadores. Para tal mascarou-se de pastor, foi para o pé de Argos e começou a cantar e tocar na tentativa de o adormecer. Argo, maravilhado com o som do instrumento que o companheiro tocava, um novo, perguntou-lhe donde viera e quem o fizera⁸⁴.

O narrador conta então a história da naiáde Siringe, também ela presente nas *Metamorfoses*⁸⁵. A ninfa, uma das *donas* da montanha, cuja senhora era Diana, honrava a caça e a castidade como a deusa. Mas suscitou o amor do deus Pã, o rei dos sátiros que a perseguiu. O narrador conta como Siringe fugiu, escondendo-se perto do rio Ládon, e aí rogou às deusas das águas do rio, pedindo ajuda para escapar a Pã e estas transformaram-na em canaviais. O deus quando chegou ao rio, ao ouvir o som do ar a passar nos canaviais fazendo o som *syrim*, enamorou-se deste, que se reportava-se à donzela, e arrancou os canaviais, cuidando que agarrava o corpo da ninfa⁸⁶. O instrumento que Mercúrio usava, originalmente feito pelas sete canas unidas, ficou deste modo com o nome da ninfa, tendo sido assim chamado por Pã. Esta história interessa-nos na medida em que o deus Pã era considerado o rei dos sátiros, seres da montanha com os membros inferiores como os de uma cabra, que tal como o seu deus foram na Idade Média considerados seres luxuriosos e conotados com o diabo⁸⁷. Quanto à Siringe, o autor, através da parecença do nome com a palavra *sereia*, ambas supostamente originárias da mesma palavra grega, *syrem*, que quer dizer *tragemto*, indica que Siringe era afinal uma sereia⁸⁸. Estas também são seres híbridos mitológicos como os sátiros, meio mulher com parte animal, desta vez uma ave. Encantam quem as ouve cantar, tal como o som do instrumento siringe, ficando o ouvinte imobilizado a ouvi-las. Durante a medievalidade, como os outros seres híbridos herdados da Antiguidade,

⁸³ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 248, 249.

⁸⁴ *Ibidem*, pp. 250, 255.

⁸⁵ Ovidio, *Metamorfosis*, I, 689-712.

⁸⁶ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 255, 256.

⁸⁷ Mariño, *El simbolismo animal*, p. 61.

⁸⁸ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 261.

foram associadas ao pecado. As sereias tornaram-se um símbolo das mulheres tentadoras que levavam os homens à perdição e à morte, das meretrizes e dos prazeres mundanos e luxuriosos⁸⁹.

Voltando à narrativa de Io, conta-se como Mercúrio acabou por adormecer Argo, devido ao som hipnotizante do siringe e matou-o. Ao dar por isso, Juno com pena do seu pastor, imortalizou-o pondo os seus olhos na cauda da ave que tradicionalmente lhe é consagrada, o pavão. O autor aproveita para falar da ave e da sua característica de possuir um aspeto contrastante, pois pela frente é uma ave bela com as suas penas longas que exhibe quando é elogiada, enquanto a parte traseira, que nesta altura levanta, é vil e feia. Os olhos de Argo passaram a simbolizar as riquezas pelo que, segundo Afonso X, o pavão é um símbolo dos ricos, pois quando os homens adulam o pavão esta mostra a parte da frente, tal como os ricos exibem as suas riquezas, mas ao fazê-lo levantam a penugem e mostram a torpe parte de trás. Assim, os ricos quando morrem deixam os abundantes bens que possuíam e vão descobertos enfrentar a morte, apenas com o corpo envelhecido e torpe. O facto de o pavão ser considerado um animal vaidoso remonta aos naturalistas antigos, tendo sido referenciado, por Plínio⁹⁰ e Eliano⁹¹. Os autores medievais fizeram eco dele, mas também consideraram a ave positivamente simbolizando a ressurreição⁹² e a vida eterna⁹³. Porém, num dos seus sermões, Santo António, o franciscano que nasceu em Lisboa, viria a considerá-lo, a partir de tal comportamento, também relatado na *Geral Estoria*, um símbolo do hipócrita⁹⁴. Nos bestiários de Oxford⁹⁵, no de Aberdeen⁹⁶ e na versão portuguesa do *Livro das Aves*⁹⁷ o pavão é conotado com o pregador. Afirma-se neles que se este não resiste à adulação é ridicularizado, tal como o pavão quando levanta a cauda e mostra a sua parte traseira. Já no *Fisiólogo segundo San Epifanio*⁹⁸ e no *Bestiário Toscano*⁹⁹ são as patas que são consideradas feias e por isso o pavão evita mostrá-las, representando estas, no primeiro caso, os pecados.

Juno, entretanto, encanta Io, de modo que ela não é capaz de permanecer quieta, pelo que parte para percorrer o mundo. Vai até ao Egipto onde Júpiter, apiedado da princesa, pede a Juno para que permita que esta possa voltar à forma humana o que acaba por acontecer¹⁰⁰. Explicando o sentido oculto da narrativa, o

⁸⁹ *Bestiario medieval*, ed. Malaxecheverría, pp. 134, 135.

⁹⁰ Plínio, *Natural History*, X, 43,44.

⁹¹ Claudio Eliano, *Historia de los Animales*, V, 21.

⁹² Mariño, *El simbolismo animal*, p. 359.

⁹³ Cardoso, «Os cem olhos do pavão», p. 271.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 264.

⁹⁵ *Le bestiaire*, ed. Muratova y Poirion, pp. 139, 140.

⁹⁶ Cardoso, «Os cem olhos do pavão», p. 263.

⁹⁷ *Livro das Aves*, pp. 49-51.

⁹⁸ «El Fisiólogo», p. 75.

⁹⁹ «Bestiario Toscano», p. 31.

¹⁰⁰ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, p. 257.

narrador afirma que Io, filha de Íano, que quer dizer *friura* pois a água do rio é fria, e, portanto, sob a sua influência, era temperada e casta. Ao partir da morada do pai, e portanto da proximidade do rio, abandonou a vida casta, mudando o temperamento que era guiado pela *friura*, pois foi desviada da virtude por Júpiter. Abandonou a *carreira* dos bons costumes e da castidade, o que foi simbolizado pela transformação em um animal. Ou seja, ao ter sido transformada em vaca por Júpiter, simbolicamente remete para ter abraçado os maus costumes, considerando o autor a semelhança da transformação em vaca de Io com a de Nabucodonossor em boi, na narrativa bíblica, pelo que fez de contrário aos desígnios divinos¹⁰¹. A vaca foi considerada por Aristóteles como um animal que gosta e anseia por copular, montando o touro quando o deseja¹⁰². Quanto a Eliano assinala como no Egito é venerada numa aldeia egípcia associada a Vénus, porque sente um forte impulso sexual, sendo mais veemente na expressão do seu desejo que os machos, mugindo quando está com o cio. E conclui que os egípcios figuram Ísis com chifres de vaca¹⁰³. Pela Siringe, e o instrumento musical que tem o seu nome, entendem-se as sete artes liberais, pois Pã ambicionava possuir o conhecimento de todas as coisas do mundo. E Afonso X acrescenta que o saber surgiu na Caldeia e depois os gregos quiseram conhecê-lo e conseguiram-no, tendo depois passado para os romanos, rumando para Oeste, após o que foi herdado pela medievalidade¹⁰⁴. Argos, segundo o narrador, simboliza o mundo. A vaca, como dissemos, simboliza a animalidade e os instintos humanos mais básicos, que tomam conta do homem se não são refreados, como a luxúria, que no caso de Io eram moderados pela proximidade do rio que lhe transmitia o temperamento frio. Argos, o mundo, foi adormecido pelo som do siringe tocado por Mercúrio, tal como os homens são encantados pelo canto das sereias, o que significa que este derrotou o guardião de Io, falando-lhe encobertamente das sete artes liberais que Pã desejava conhecer, ou seja, argumentando com a razão, o deus mensageiro venceu o mundo. Segundo o narrador, as sete artes liberais foram descobertas na região do rio onde existem os canaviais. Toda a história é simbolicamente explicada porque *os autores dos gentijs forô omês moy sábios ert falarô de grandes cousas em muytos lugares em fegura et em semellança de hû cousa por outra*¹⁰⁵, tal como nas Escrituras, explica o rei para justificar a necessidade de uma leitura simbólica do texto de Ovídio. Não aparecem, porém, mais referências a animais na explicação do episódio pelo que não iremos aqui reportar toda a explicação simbólica. Resumindo, na história são referidos os sátiros, as sereias, com umas excepcional conotação positiva por meio da Siringe, ambos seres híbridos com partes de animais, e associados a estes últimos por não possuírem alma, e por isso referidos e representados nos bestiários medievais, o

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 262

¹⁰² Aristoteles, *Histoire des Animaux*, VI, 18 (572a).

¹⁰³ Claudio Eliano, *Historia de los Animales*, X, 27.

¹⁰⁴ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 262, 263.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 258.

pavão que simboliza os ricos e a vaca, entendendo-se por esta a animalidade e os impulsos mais básicos a que Io sucumbiu quando se afastou do rio. Por fim, o rei que explica que o rio Íano foi mudado pelos maus costumes de Io em Bósforo, pois *Bos* quer dizer em latim *boi* ou *vaca*. Tendo esta nadado nele para ir para o Egipto, onde voltou à forma humana, segue-lhe o vocábulo *foros* que é uma palavra grega que quer dizer *mudar*. O rio e o mar por onde passou Io em forma de vaca passaram a chamar-se Bósforo, o curso de água que Plínio reportou¹⁰⁶. O autor finaliza o episódio dizendo que no Egipto Io foi considerada deusa e tomou o nome de Ísis.

Na narrativa dedicada a Jacó, o autor conta como, antes de este e Esaú nasceram, a mãe Rebeca passava grandes trabalhos e sofria, enquanto trazia os dois filhos no ventre, pelo que resolveu pedir conselho a Deus. Como o rei escreve, os judeus na altura ainda não tinham um local próprio para a oração, pelo que Rebeca, que tinha vivido entre os gentios, serviu-se de uma mesa de três pés usada para orar aos deuses pagãos, colocou nela os pelos de animais sacrificados por Abraão no Monte Moria para o sacrifício do filho Isac, depois de lá ter ido em *rromaria*, e deitou-se em cima. Colocou na mesa folhas de uma árvore chamada agnocasto, que quer dizer *cordeiro casto* pois permite ter visões sobre o futuro e contactar a divindade¹⁰⁷. O nome da árvore reenvia para o animal mais emblemático dos sacrificados pelos israelitas, pois será o usado para comemorar a Páscoa judaica. Por outro lado, sabemos que o sonho na Bíblia é um meio privilegiado para os eleitos entrarem contacto com a divindade que lhes surge em visões oníricas para com eles comunicar, como no caso de Jacó, mas que também sucede com outros patriarcas como mais tarde com José. Parece assim que a designação de *cordeiro casto* para a árvore indica que esta tinha o nome de um animal utilizado para pedir graças e agradecer à divindade. Sendo o sonho entendido como uma forma de comunicação entre esta e os eleitos, o cordeiro assume-se como o animal ideal para servir de denominação à árvore cujas folhas permitem o apelo à divindade e pedir-lhe conselho sobre o futuro. Acresce que, para além de ser um muito divulgado símbolo cristológico, na Idade Média também foi da inocência, da humildade, da pureza, da virgindade e do cristão¹⁰⁸. Penso que essa é a razão para que à árvore, que permite ter visões proféticas, seja dado o nome do animal. Acresce que este se reporta ao cordeiro casto, logo ainda sem mácula e, portanto, mais propício de agradar ao divino. Este episódio não surge assim contado no texto bíblico, dizendo-se apenas que Rebeca consultou Deus. Afonso X cita como fonte Pedro Comestor, mas no final do episódio refere que segundo outros *santos padres*, Rebeca consultou Sem, o filho de Noé que ainda estava vivo. De qualquer forma, Deus concede a visão a Sara sobre o futuro da sua prole como surge no texto das Escrituras, realizando um milagre ao qual se associa o nome *cordeiro*.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 263.

¹⁰⁷ *Ibidem*, pp. 270, 271.

¹⁰⁸ Chambel, *Os animais na literatura clerical*, p. 60.

5. OS ANIMAIS NOS MILAGRES

Iremos de seguida mencionar os animais que surgem em um milagre, o único sobre os quais o poder divino exerce uma acção, embora o anterior episódio também aqui pudesse ser mencionado, pois nele se consuma uma intervenção de Deus para comunicar com Rebeca, desvendando-lhe o que ela queria saber. Mas como nele Deus não intervém através dos animais, considerámo-lo nos que às animálias é fornecida uma leitura simbólica. Iremos referenciar o milagre em que Deus, que já tinha escolhido Jacó, filho de Isac, como seu eleito, ao mostrar-lhe em sonhos a escadaria que levava ao céu, e prometido que o faria rico e próspero, o beneficia em desfavor de seu tio Labão. Jacó foi mandado para a terra deste, seu tio materno, para que se cassasse com uma das suas primas. Depois de prometer à divindade oferecer-lhe o dízimo do que ganhar, fez um sacrifício de uma ovelha e de um bezerro, afirmando o autor que o realizou “como depois foram feitos na *vella ley*, e chegou a casa de Labão onde foi bem recebido¹⁰⁹. Este prometeu dar-lhe a filha em troca do sobrinho trabalhar para ele durante sete anos. Mas o tio enganou-o e ao fim de sete anos fê-lo dormir com a sua filha mais velha e não com Raquel, a amada pelo primo. Ao saber do engano Jacó foi falar com o tio que se escusou dizendo que tinha de casar primeiro a primogénita, mas se o sobrinho trabalhasse mais sete anos para ele lhe daria a outra filha. Jacó cumpre e, depois de ter um filho de Raquel, decidiu voltar para a terra do pai. Avisou então Labão, mas este respondeu que desejava que o sobrinho continuasse com ele, pois prosperou durante o tempo em que aquele o serviu. Perguntou-lhe o que podia fazer para que ele permanecesse. Jacó respondeu que ficaria se pudesse fazer o que deseja e explica-o ao tio. Diz a Labão que continuaria a guardar o gado, mas apenas os animais de uma cor. Os outros seriam guardados pelos primos em locais separados, para não haver dúvidas ou enganar. Do gado que guardasse, os que nascessem malhados ficariam para ele e os de uma cor para Labão. Este concordou e Jacó foi guardar os animais como escolheu. Quando viu que tinha chegado a altura de as fêmeas conceberem mostrou-lhes varas de olmos, de amendoeiras e de pedrados, que quando lhes arrancava a pele ficavam de uma cor e se as deixasse crescer ficavam doutra. Os animais a quem Jacó mostrava varas misturadas de duas cores nasceram malhados e os outros não. Graças ao artifício Jacó enriqueceu, levando a que Labão se tivesse indisposto com ele, embora sem maneira de saber como Jacó fizera para que nascessem mais animais malhados. Deus apareceu-lhe então e disse-lhe que era tempo de ele voltar para a sua terra com a família e os bens, e Jacó decidiu fazê-lo sem Labão o saber. Antes de sair das terras do tio, explicou à mulheres e primas que um anjo de Deus o mandou regressar e que lhe dissera como fazer para ficar com os animais malhados, pois estava a par do que ele tinha trabalhado para Labão e como este o tinha explorado durante mais de catorze anos¹¹⁰. Foi assim por intervenção

¹⁰⁹ *General Estoria, versión gallega del siglo XIV*, pp. 283, 285.

¹¹⁰ *Ibidem*, pp. 285, 293.

divina que Jacó enriqueceu, como a divindade lhe prometeu, conseguindo depois partir das terras do tio. Deus interveio através dos animais, interferindo no curso normal do mundo natural que criou, para interceder por um seu eleito. Este será o patriarca que respeitado por todas as tribos, como Deus lhe anunciou, e cujos filhos originarão as tradicionais doze tribos de Israel (Gn 35,23-24). Ao contrário do que surge na Bíblia, na *General Historia* não são especificados os animais que faziam parte do gado apascentado por Jacó, apenas se mencionando que ficou rico com diversos servos, muitas *greis*, muitos camelos e outras *bestas menores*¹¹¹, enquanto na Escritura são mencionados os que, na edição de Jerusalém surgem com a denominação de “bodes” e “cabras” (Gn 30, 35), tendo sido a estes que mostrou as varas de duas cores. Antes, no entanto, também são referenciados cordeiros, pelo que podemos deduzir que eram os tradicionais animais de rebanho. Mais à frente, quando o narrador refere os que separou para oferecer, e assim acalmar o irmão Esaú, são mencionados como animais do seu rebanho, ovelhas, vacas, touros, bodes, cabras e carneiros¹¹². Os camelos também referidos eram sobretudo animais de transporte e carga, embora a sua posse também traduzisse a riqueza de quem os possuía.

6. AS FUNÇÕES DOS ANIMAIS NA *GERAL ESTORIA*: UM RESUMO

Vamos agora mencionar em que outros contextos e situações surgem os diversos animais citados ao longo de *General Historia*, lembrando as que apontámos, e adicionando como exemplo uma página em que assumem o papel indicado, para as que ainda não foram referenciadas. Deste modo, surgem no texto como dádivas¹¹³, como gado, para sacrifícios, tanto para os judeus como para os deuses pagãos, alimentação, originadores de conflitos (sobretudo disputas sobre gados)¹¹⁴, transformação de deuses, como comparação comportamental com humanos, comparação física com humanos, para vestes, animais caçados, animais caçadores (aves), adoração, como meios de transporte, nomes de constelações¹¹⁵, ídolos, como elementos que ajudam a descrever uma terra (por exemplo, a fertilidade ou aridez de um território)¹¹⁶, figuração de deuses pagãos, animais de um rio e das suas margens (quando se fala sobre o Nilo)¹¹⁷, como transporte de carga¹¹⁸, indicativos de riqueza¹¹⁹, saques de guerra¹²⁰, para a prática de sacrilégio¹²¹,

¹¹¹ *Ibidem*, p. 292.

¹¹² *Ibidem*, p. 297.

¹¹³ *Ibidem*, p. 16.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 63.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 92.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 126.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 176.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 187.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 190.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 194.

alimentação de anjo, como bens¹²², para firmar pactos¹²³, como cognome de personagem mítica, símbolo de Cristo, animal reportado a ser híbridos ou fabulosos, caracterização de devastação e como forma de reconhecimento de humanos(normalmente familiares desconhecidos)¹²⁴.

7. ANÁLISE DO QUADRO COM A PRESENÇA DOS ANIMAIS NA *GERAL ESTORIA*

Por fim, iremos fazer algumas observações sobre o quadro que apresentamos onde se indica o número de vezes em que os animais surgem referidos no texto. Nota-se que se privilegia na *Geral Estoria* os animais referenciados em conjunto, sob a designação de *gado*, a mais numerosa, seguindo-se *animais* e *bestas*. O facto de o texto reportar-se ao Livro do Génesis e aos relatos pagãos do início da vida na terra, mencionando-se os tempos míticos e como as primeiras actividades humanas se iniciarem, condiciona a forma como os animais surgem referidos, destacando-se, as designações colectivas e com funções relacionadas com o começo da vida dos homens na Terra. Também a designação *aves* surge entre as mais mencionadas por dizer respeito a animais do elemento ar e por alguns serem sacrificiais. Alguns animais são pouco referidos, o que contrasta com outras obras produzidas na época medieval. Na nossa análise referiremos também essa escassez, ou mesmo a sua ausência, relativamente a outros textos do medievo que estudámos em outros artigos e dissertações. A proeminência dada aos animais de gado, e à designação que os une, explica-se por a pastorícia ser o principal modo de vida dos israelitas, para além destes animais serem utilizados em diversas vertentes da sua vida, como na alimentação, como indicadores de riqueza ou como ofertas privilegiadas para as divindades, incluindo aqui também os reportados aos sacrifícios dos pagãos, como dádivas a outros homens e para firmar pactos. Dos animais individuais destaca-se o carneiro, significativamente um animal de gado e de rebanho, mas também um ídolo pagão, muito mencionado na *Geral Estoria*, onde representa Júpiter-Amón, mas também é o animal sacrificado por Abraão depois de ter sido impedido de sacrificar o filho e de o autor ter comentado de que espécie de animal sacrificial se tratava, e de surgir associado a Cristo na referência ao Bom Pastor. Também ganham importância a vaca e a vitela, muito devido à narrativa de Io e da sua transformação, e o touro, pela sua ligação aos ídolos pagãos. Outros animais destacam-se por serem pouco mencionados em relação aos textos produzidos na Idade Média, como os cavalos, que costumam dominar nos relatos medievos, reportando-se ao transporte de homens e de guerreiros, e como animais de carga, parecendo esta última função no texto da *Geral Estoria* ser assegurada pelos camelos e os asnos, e os reportados como *bestas* e *animálias*. Outros animais

¹²¹ *Ibidem*, p. 202.

¹²² *Ibidem*, p. 210.

¹²³ *Ibidem*, p. 223.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 85.

habitualmente muito citados pelo seu simbolismo medieval e cristão, surgem na Estória pouco mencionados como o cordeiro, um reconhecido símbolo cristológico, apenas citado seis vezes, a serpente, um símbolo do mal, mas também cristológico quando referenciado ao animal de cobre no Êxodo, citada apenas duas vezes, reportando-se à figura que o diabo tomou Génesis tomou, o leão, símbolo cristão, tanto de Jesus, como do diabo e com um forte simbolismo na Idade Média e em outros livros da Bíblia, embora surja na *General Estoria* mencionado por seis vezes. O único animal reportado como símbolo cristológico é o já mencionado carneiro.

Tabela das Designações Animais Presentes na *General Estoria*

| | | | | | |
|-------------|----|--------------|---|--------------|---|
| Gado | 64 | Boi | 5 | Sátiro | 1 |
| Animal | 56 | Cabrito | 5 | Abelha | 1 |
| Besta | 36 | Zebro/Onagro | 5 | Vespa | 1 |
| Carneiro | 32 | Sereia | 5 | Mosca | 1 |
| Vaca/Vitela | 32 | Abutre | 5 | Vermes | 1 |
| Aves | 30 | Asno/Asna | 5 | Escorpião | 1 |
| Ovelha | 16 | Bode | 4 | Lacrau | 1 |
| Pavão | 12 | Capricórnio | 4 | Porco Montês | 1 |
| Touro | 11 | Pomba | 4 | Salamandra | 1 |
| Cabra | 10 | Venado | 4 | Dragão | 1 |
| Peixe | 9 | Bezerro | 4 | Fénix | 1 |
| Camelo | 9 | Cocatriz | 3 | Baleia | 1 |
| Corvo | 8 | Cegonha | 3 | Coracim | 1 |
| Pescado | 8 | Cavalo | 3 | Sylvros | 1 |
| Cordeiro | 6 | Cervo | 2 | Orça | 1 |
| Leão | 6 | Águia | 2 | Égua | 1 |
| Bode | 6 | Caranguejo | 2 | Alaletates | 1 |
| Veado | 6 | Serpente | 2 | Cocas | 1 |

Predominam os animais domesticados, e que não se incluem nos selvagens, sendo as *bestas bravas* pouco citadas. Também os animais fabulosos são pouco mencionados, e o dragão, animal mítico conotado com o diabo e as forças do mal e do Inferno, é apenas mencionado uma vez. Destaca-se nas aves o pavão, a mais citada, pela leitura simbólica que dela é feita, seguindo-se o corvo, pela presença na narrativa do Dilúvio. Quanto à pomba, um símbolo da Igreja e do Espírito Santo, apenas se reporta quatro vezes, ligada ao relato do Dilúvio e como animal sacrificial. Outros animais que se destacam pelo número de vezes em que surgem no texto a ovelha, um animal muito valorizado na pastorícia, indicador da riqueza do dono dos rebanhos, e a cabra da qual se pode dizer o mesmo, para além de serem ambas animais sacrificiais. É de sublinhar que alguns nomes de animais apenas se

reportam a constelações como é o caso da designação *caranguejo*. Por fim, diversos peixes são citados como animais que vivem no Nilo, porque a este é dedicada uma descrição no texto de Afonso X.

8. CONCLUSÃO

Do nosso estudo e do quadro que apresentamos podemos concluir que os animais são abundantemente citados na *Geral Estoria*. Analisámos inicialmente a sua presença nos relatos míticos através da leitura comentada do livro do Génesis e de narrativas da Antiguidade Clássica, através sobretudo da *Metamorfoses* de Ovídio, efectuada por Afonso X e seus colaboradores. Neles, o autor explica o aparecimento do homem na Terra e a sua evolução rumo à civilização, ocupando os companheiros do homem no mundo natural, os animais, um lugar de relevo. Simbolicamente, tais narrativas, demonstram o difícil e árduo caminho rumo à civilização e a um maior domínio dos homens sobre a natureza que, quando a *Geral Estoria* foi escrita, ainda era bastante precário. O autor, baseando-se na sobretudo na Bíblia, comenta este percurso através de personagens fundadoras de actividades humanas em que os animais servem para o uso e o consumo dos homens, referenciando o comentário de diversos exegetas e outros interpretes das Escrituras. Depois analisámos os animais para os quais é apresentada uma leitura simbólica, como é o caso do zebro que foi associado a Ismael, o carneiro a Amon/Júpiter ou a íbis a Mercúrio e aos homens sabedores. A partir da narrativa de Io e de Júpiter, outros animais e a sua significação foram analisados, nomeadamente a vaca símbolo dos impulsos básicos e libidinosos, o pavão que remete para os ricos, a sereia associada à Siringe que simboliza as sete artes liberais, e que por isso aparece no texto com uma conotação positiva, ao contrário do que sucede em outras narrativas medievais, e os sátiros. Também surgem reportados nos animais simbólicos os cordeiros, um animal com forte simbolismo cristão que apresenta no texto simbologias diversas, mas todas positivas. Ao estudarmos como estes animais surgiram nos bestiários e nos estudos dos naturalistas clássicos, pudemos constatar que as simbologias animais, na obra historiográfica de Afonso X, são interessantes e inovadoras, porventura devido aos comentadores que foram consultados para a sua elaboração, como por vezes é referenciado no texto. Isto não obstante, as conotações animais na exegese das Escrituras, presentes na *Geral Estoria*, seguirem, em geral, as habitualmente transmitidas pela tradição medieval. Analisámos a presença dos animais em um milagre, servindo este para engrandecer a acção divina e a personagem bíblica sobre a qual recai as benesses do Além, pois trata-se de um eleito do divino. Escrevemos a lista das outras funções com que os animais surgem na obra, e, juntamente com as antes citadas, pode-se concluir que eles ocupam no texto uma grande variedade de papéis, uma vez que eram seres bem presentes na história do homem e do seu quotidiano, seja por que o ameaçavam, seja por o servirem e serem usados por este em diversas funções. Acabámos com

uma breve análise do quadro onde se menciona o número de designações de cada animal presente na versão galega da estória de Afonso X, e comparámos com as de outros escritos medievais, concluindo que se trata de uma obra a esse nível singular, por se basear sobretudo nas narrativas do Génesis e nas *Metamorfoses* de Ovídio, pelo que os animais associados ao maravilhoso cristão, tão presentes noutras obras medievais, têm na *Geral Estoria* um peso reduzido. Privilegiam-se os animais dos rebanhos, os domésticos e os sacrificiais. Surgem com relevo os associados a narrativas de deuses pagãos, nomeadamente aos ídolos, ou nas metamorfoses dos seres míticos da Antiguidade. O simbolismo apresentado revela-se, por vezes, pouco habitual, como é o caso dos ricos que o pavão representa e da ninfa que é associada às sereias, dando-lhe uma conotação positiva. No que respeita à presença dos animais, a *Estoria Geral* é uma obra *sui generis* no panorama da literatura da península ibérica dos séculos XIII e XIV, pela multiplicidade de funções que os animais nela adquirem e pela singularidade das leituras simbólicas dos animais que nela são reportadas, distinguindo-se ainda pelos animais que são mencionados preferencialmente.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Aristóteles, *Histoire des Animaux*, Tricot, Jules (trad. e ed.), 2 toms., Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1957.
- Beauvais, Pierre de, «Bestiaire», in Bianciotto, Gabriel, *Bestiaires du Moyen Age*, s. l., Éditions Stock, 1992.
- Le Bestiaire*, Muratova, Xénia; Poirion, Daniel (comp.); Dupuis, Marie France; Louis, Sylvan (trad.), s. l., Philippe Lebaud Éditeur, 1988.
- Bestiario Medieval*, Malaxecheverria, Ignacio (ed.), Madrid, Siruela, 1986.
- «Bestiario Toscano», in Sebastián, Santiago (ed.), *El Fisiólogo Atribuido a San Epifanio Seguido de El Bestiario Toscano*, Madrid, Ediciones Tuero, 1986.
- A Bíblia de Jerusalém*, ed. revista, São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- Corbechon, Jean, «Livre des Propriétés des Choses (Livre VIII) », in Bianciotto, Gabriel (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l., Éditions Stock, 1992.

Eliano, Claudio, *Historia de los Animales*, Vara Donado, José (ed.), Madrid, Akal, 1989.

«El Fisiólogo», in Sebastián, Santiago (ed.), *El Fisiólogo Atribuido a San Epifanio Seguido de El Bestiario Toscano*, Madrid, Ediciones Tuero, 1986.

«Fisiólogo», in *Pseudo Aristóteles, Anónimo, Fisiólogo*, Martínez Manzano, Teresa; Calvo Delcán, Carmen (eds.), Madrid, Editorial Gredos, 1999.

General Estoria, versión gallega del siglo XIV. Ms O. I. i, del Escorial, Martínez-López, Ramón (ed., introd., lingüists, notas e vocab.), Oviedo, Universidad de Oviedo, Facultad de Filosofía y Letras, 1963.

Guillaume le Clerc de Normandie, «Bestiaire Divin», in Bianciotto, Gabriel (ed.), *Bestiaires du Moyen Age*, s. l., Éditions Stock, 1992.

Livro das Aves, Mota, Rossi, Nelson (dir.); Mota, Andrade; Matos, Rosa; Sampaio, Vera (eds), Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965.

Opiano, «De la Caza», in Calvo Delcán, Carmen (ed.), Opiano, *De la Caza, De la Pesca, Anónimo, Lapidario Órfico*, Madrid, Editorial Gredos, 1990.

Plínio, *Natural History - Books VIII-XI*, Rackham, Harris (ed.), London, Loeb Classical Library - Harvard University Press, 1940, Reprinted 1947, 1955, 1967.

Plínio, *Natural History - Books III-VII*, Rackham, Harris (ed.), London, Loeb Classical Library - Harvard University Press, 1942, Reprinted 1947, 1961, 1969, 1989, 1999.

Estudos

Cardoso, Marcelo Amato, «Os cem olhos do pavão: Representações da ave na Idade Média e suas origens simbólicas», *Medievalista*, 2021, n.º. 29, DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.3908>.

Chambel, Pedro, *Os animais na literatura clerical medieval portuguesa dos séculos XIII e XIV. Presença e funções*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. N. L., 2003 Disponível em URL: <http://bestiarioportugues.blogspot.com/>, 2003 (fecha de consulta: 24/01/2021).

- Charbonneau-Lassay, Louis, *El Bestiario de Cristo: El simbolismo animal en la Antigüedad y la Edad Media*, 2 Vols., Palma de Mallorca, Sophia Perennis, 2ª ed., 1997.
- Chevalier, Jean; Gheerbraant, Alain; Rodríguez, Cristina; Guerra, Artur, *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Teorema, [1994].
- Dubost, Francis (ed.), *Aspects fantastiques de la littérature narrative médiévale (XII^e – XIII^e siècles): L'autre, l'ailleurs, l'autrefois*, 2 tomes, Paris, Librairie Honoré Champion, 1991.
- Durand, Gilbert, *A imaginação simbólica*, Lisboa, Edições 70, 1985.
- Gonçalves, M., *Imagens e símbolos animais na poesia greco-latina*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1983.
- Leite, Mariana, «Entre galego-português e castelhano: sobre a marginalia da tradução dos Salmos no manuscrito R da General Estoria de Afonso X», *Gallaecia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*, 2017, nº 242, pp. 893-903.
- Leite, Mariana, «La General Estoria entre dos lenguas: sobre las traducciones de la obra alfonsí al gallego-portugués», *Atalaya - Révue d' Études Médiévales Romanes*, 2017, nº 17, DOI: <https://doi.org/10.4000/atalaya.2810>.
- Leite, Mariana; Miranda, José Carlos, «Pedro Sánchez Prieto (coord.), Alfonso X el Sabio, *General Historia*», *Medievalista*, 2011, nº 9, DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.619>.
- Lorenzo, Ramón, «Geral Estoria», in Barreiros, José Colaço; Guerra, Artur; Lanciani, Giulia; Tavani, Giuseppe (dir.), *Dicionário da Literatura medieval galega e portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 291-293.
- Mariño Ferro, Xosé Ramón, *El simbolismo animal: creencias y significados en la cultura occidental*, Madrid, Ediciones Encuentro, 1996.
- Pastoreau, Michel; Duchet-Suchaux, Gaston, *Le Bestiaire Medieval: Dictionnaire historique et bibliographique*, Paris, Le Léopard d'Or, 2002.